

## UNIVERSIDADE, CONHECIMENTO E SOCIEDADE: O PAPEL REFLEXIVO DOS EDUCADORES<sup>1</sup>

*Sidinei Pithan da Silva*

**RESUMO:** Este artigo consiste num estudo que busca pensar, a partir de um enfoque hermenêutico e dialético, as relações entre universidade, ciência e sociedade, redefinindo o lugar da universidade e dos educadores universitários frente ao conhecimento oriundo da tradição científico-filosófica herdada e do cotidiano cultural e social massificado. O problema central analisado consiste em compreender o lugar da reflexividade e, logo da subjetividade pensante, como forma de produção de uma nova relação pela via do pensamento com o conhecimento teórico e prático. A hipótese que sustenta o estudo preconiza um papel social da universidade vinculado a uma dimensão reflexiva, ou mesmo reflexionante, o que significa uma postura crítica dos sujeitos (que a produzem) frente ao mundo social e histórico instituído. A universidade, neste sentido, não tem como tarefa reproduzir a mesmice existente, reproduzindo um mundo funcional, mas a de instaurar pela via da reflexão, novas formas de diálogo com a tradição (científica / filosófica / artística), reinventando-a a luz dos desafios éticos e políticos do presente. Logo, os educadores, de um lado atuam como críticos e intérpretes das diferentes tradições teóricas e, de outro, atuam como críticos dos contextos sociais e culturais existentes.

**Palavras Chaves:** Universidade; Conhecimento; Sociedade.

## UNIVERSITY, KNOWLEDGE AND SOCIETY: THE RE-FLEXIVE ROLE OF EDUCATORS

**ABSTRACT:** This article consists of an original study that seeks to think, from a hermeneutical and dialectical approach, the relationships between universities, science and society, redefining the place of the university and college educators across the knowledge from scientific-philosophical inherited tradition and from the cultural and social massified routine. The central examined problem is to understand the reflexivity place and, therefore, the thoughtful subjectivity as a way to produce a new relationship using the route of thinking with the theoretical and practical knowledge. The hypothesis that sustains the study recommends the university social role linked to a reflexive dimension, or even reflective, which means the subjects (who produce the knowledge) critical posture against the social and historical established world. The university, in this regard, does not have the job of reproduce the existing sameness, reproducing a functional world, but to establish, by the path of reflection, new forms of dialogue with tradition (scientific / philosophical / artistic), reinventing it in the light of ethical and political challenges of the present. As soon, educators, on one hand act as critics and interpreters of different theoretical traditions, and on the other, act as critics of the social and cultural contexts.

**Key-words:** University; Knowledge; Society.

### Introdução

[...] A universidade é um tempo e um lugar da reflexão radical. Religiões, mestres, raças, países, pessoas e paixões em desencontro e em guerra: a razão da vida torna-

<sup>1</sup>Este texto serviu de referência para a formulação do programa institucional de avaliação continuada dos professores da Unijuí-RS.

se precária e a sua voz pode emudecer. A irracionalidade da repetição irrefletida: a verdade nos livre disso, ela que é humana, plural e generosa. O sentido é a direção.

Paulo R. Schneider. **Introdução à Filosofia**. Ijuí, Editora Unijuí, 1995.

Este texto discute o lugar e a pertinência da Universidade no contexto social contemporâneo, destacando para o papel reflexivo dos educadores frente aos contextos práticos e teóricos. O estudo assume, para tanto, uma perspectiva de compreensão acerca do papel da universidade na sociedade contemporânea que não é o de mera adaptação ao mundo existente (dimensão instituída), mas o de: a) recriação permanente das instituições herdadas, a fim de reconstruir e repensar a teoria herdada (ciência/filosofia/arte), criando conhecimentos e saberes novos, bem como o de; b) leitura e interpretação dos diferentes contextos socioculturais a fim de favorecer na sua transformação (dimensão instituinte). O conceito de reflexão constitui-se na hipótese central do texto, uma vez que habilita a pensar na noção de autonomia frente ao conhecimento, como tarefa central da educação universitária em relação à constituição dos sujeitos num projeto de sociedade democrática. Enquanto lugar destinado à produção de conhecimento novo, a noção de pesquisa torna-se um meio e uma finalidade para pensar nos processos educativos, uma vez que a constituição da autonomia dos sujeitos encontra-se vinculada com a produção de conhecimento pela pesquisa e pela reflexão.

Na interpretação de Marques (1996, p.36), “como nenhuma outra instituição, a universidade confere à pesquisa os necessários requisitos da validação / certificação social e da publicidade crítica”. Ela é a instância por excelência capaz não apenas de transmitir conhecimentos, de possibilitar a interiorização dos saberes de uma tradição, mas também de discutir a validade e legitimidade destes saberes no contexto das diferentes profissões e necessidades sociais e históricas. Nesta concepção compreende-se o conhecimento enquanto “processo intersubjetivo em que o senso comum se torna ciência pela argumentação de uma comunidade de cientistas e a ciência se faz senso comum, reconvertida pela discussão pública dos resultados a que conduz” (MARQUES, 1996, p.36). No movimento de constituição e reconstrução re-flexiva das ciências, no interior dos processos dialógicos (de interlocução e aprendizagem) na universidade, refazem-se as “limitações” e “incongruências” do senso comum, rompendo assim com os conceitos “dogmáticos” do cotidiano, refazem-se também as próprias ciências, com suas dimensões “limites” e “abstratas”, rompendo assim com o “dogmatismo” e a esclerose de um conhecimento científico esquecido de sua historicidade. Conforme as palavras de Edgar Morin:

A Universidade conserva, memoriza, integra e ritualiza uma herança cultural de saberes, idéias e valores, porque ela se incumbe de reexaminá-la, atualizá-la e

transmiti-la, o que acaba por ter um efeito regenerador. A Universidade gera saberes, idéias e valores que, posteriormente, farão parte dessa mesma herança. Por isso, ela é simultaneamente conservadora, regeneradora e geradora. A Universidade tem uma missão e uma função transecular que vão do passado ao futuro por intermédio do presente; tem uma missão transnacional que conserva, porque dispõe de uma autonomia que a permite efetuar esta missão, apesar do fechamento nacionalista das nações modernas (MORIN, 2002, p.13).

Ideia que nos leva a analisar, num primeiro momento do texto, as relações complexas entre reflexividade e autonomia no projeto da universidade. Num segundo momento, o texto explicita um entendimento sobre o lugar da educação na produção da humanidade do homem, que atenta para o significado das heranças históricas, ou da própria tradição teórica (filosófica/científica/artística) herdada, como condição para a produção da autonomia. Num terceiro momento, o texto configura uma forma de pensar o papel dos educadores na universidade, estabelecendo uma esfera de comunicação entre o social instituído e o individual instituinte. Papel que não se resume a transmitir os conteúdos da tradição, tampouco iniciar os sujeitos na pesquisa de forma independente desta tradição, mas a de permitir a produção de sujeitos capazes de pensar e analisar esta tradição herdada (experiência social acumulada), bem como de recriá-la, tendo em vista os desafios históricos, políticos e existenciais presentes. Mas, como a ideia de reflexão pode nos ajudar a pensar na redefinição da tarefa dos educadores e do lugar da universidade no cenário social contemporâneo? O presente texto objetiva produzir alguns elementos que possam nos ajudar a compreender e pensar esta problemática.

### **Reflexividade e Autonomia no Projeto da Universidade**

A re-flexividade é a instância que permite a nós “humanos” entender os sentidos e as finalidades das técnicas, dos valores e saberes que herdamos da tradição. Sem ela, nos tornamos autômatos, meros fazedores de coisas projetados por outros. A partir da dimensão re-flexiva nos tornamos potencialmente lúcidos na escolha dos caminhos, reconhecendo potencialidades em tudo que aprendemos, mas percebendo seus limites para os contextos em que atuamos. A re-flexividade é condição para a autonomia humana. Sem re-flexividade não há autonomia. Esta pressupõe a atitude deliberada de um sujeito, de um coletivo de sujeitos sociais, acerca de um projeto social e histórico.

Essa questão da condição filosófica da possibilidade para um sujeito de buscar e pensar a verdade, de pensar simplesmente no sentido forte do termo, nos remete à condição social e histórica da emergência da subjetividade re-flexiva, a saber, uma instituição social-histórica que certamente se apóia no não determinismo da psique, em sua capacidade de fazer surgir o novo, mas decorre também dessas duas

instituições social-históricas que são a dimensão da idealidade e essa estrutura da subjetividade que pode colocar a questão do verdadeiro e escolher” (CASTORIADIS, 2007, p. 205).

A universidade, enquanto instituição sócio-histórica, que busca, em última instância, constituir sujeitos autônomos, precisa buscar fortalecer as condições para a emergência da reflexividade. Em outros termos, valendo-se da compreensão de Schneider (2005), pode-se afirmar que: “a universidade é tempo e lugar de reflexão radical sobre a totalidade do que foi posto como conhecimento prático e teórico na sociedade humana”. Nesta ótica, “além de ocupar professores, alunos e administração na formação de futuros profissionais, a universidade se diferencia de todas as outras instituições que compõem a sociedade, especificando-se como possibilidade de constante e radical dinâmica e processualidade reflexiva”.

Argumentação, diálogo e interdisciplinaridade vitalizam-na em seu processo de construção coletiva, defendendo-a da fixidez de um conhecimento solitário e esclerosado e da metafísica doutrinária e doentia de um saber esquecido e desinteressado de seus fundamentos. A instauração da argumentação solidária como condição de possibilidade, poder e vetor da reflexão radical significa crise, ruir de deuses, queda de falsos valores e esquemas teóricos, santificados cedo demais por deslumbrado atropelo em sucessos operatórios e por impaciência pragmática. Crise, no entanto, nada mais é do que tempo de julgamento (crisis) e exercício efetivo do especificamente humano: a reflexão radical, promotora da autonomia e da construção de si pela edificação do seu próprio saber. O que aparece como destruição, insegurança e imponderabilidade transfigura-se em possibilidade de liberdade, de força criativa e de clareza de rumo na encruzilhada dos caminhos pedagógicos. / Discursos que promovem o absoluto de si esboroam-se, refazem-se e reconstroem-se ante as muralhas e as armas da dinâmica e da racionalidade tematizante da universidade (SCHNEIDER, 1995, p.11).

Dizendo com outras palavras, poderíamos entender que a esfera re-flexiva de nossa humanidade, é a instância que nos liga, nos conecta ao passado, atualizando-o, de forma consciente, para que toda sua riqueza brote em nossa vida, enriquecendo nossos horizontes de possibilidades. De outra forma, a re-flexividade, enquanto esfera que potencializa nossa autonomia, não é a aceitação pura e simples deste passado que nos chega através de teorias, de livros, de narrativas, ela é também, a possibilidade que temos para refazer este passado no presente, da forma como o desejamos socialmente. Castoriadis compreendeu, neste sentido, que a autonomia não se limita a ser um hábito, uma vez que ela “se cria ao exercê-la”, o que significa que “nos tornamos livres realizando atos livres, assim como nos tornamos seres pensantes pensando (...)” (CASTORIADIS, 2007, p.179). Marques, em linha de pensamento semelhante à de Castoriadis compreende que:

A reflexividade conduzida ao mesmo tempo no nível das realizações práticas e da comunicação<sup>2</sup> intersubjetiva reinstaura em provisórios estágios<sup>3</sup> e patamares os discursos e as práticas das ciências pelas quais os homens se orientam no mundo e perseguem seus fins práticos (MARQUES, 1996, p.46).

O prefixo “re” que antecede a palavra (flexibilidade), nos protege de apenas repetirmos o passado, sendo determinados por ele, de forma a nada podermos mudar para o futuro. A palavra flexão significa àquilo que nos flexiona, que nos dobra, que nos condiciona, mesmo que não o percebamos. É àquilo que nos empurra, que nos marca em tudo àquilo que fazemos reproduzindo o mundo em que vivemos. Aliás, cumpre lembrar que o primeiro e mais fundamental papel da educação é justamente este, reproduzir, conservar o passado, o mundo existente sob a forma de memória social atualizada permanentemente no curso das gerações. Operação que não pode se confundir com trilhar um destino cego, mas como opção esclarecida.

## 2. O Papel da Educação na Constituição do Humano do homem

O papel da educação, nesta dimensão da flexão, é fazer o nascimento do homem novo, a partir do velho, fletindo, dobrando, condicionando as novas gerações, sob os critérios da experiência social acumulada ao longo dos séculos da humanidade na Terra. Eis aí a importância da educação. Sem ela não seríamos o que somos. Sem a Educação não seríamos Humanos. Os homens só se tornam homens pela educação, pronunciou-se o filósofo alemão, Immanuel Kant<sup>4</sup>. Por isso, que a educação é a instância responsável pelo nascimento dos homens, de sua edificação. Ora, sabemos que a educação, ou melhor, o empreendimento educativo e instrucional participa da construção da autonomia humana constituindo a própria humanidade, ou o que chamamos por humanidade. “O objetivo da pedagogia (...) é ajudar o recém nascido, esse *hopeful e dreadful monster*, a tornar-se um humano” (CASTORIADIS, 1992, p.156). “Por conseqüência, educação é formação (Bildung) do homem pela sociedade,

---

<sup>2</sup>O princípio primeiro de todo o esforço voltado para o conhecimento é o da comunicação; e, dada a impossibilidade de produzir seja o que for, ainda que só para nós próprios, sem linguagem, a própria natureza formulou de forma inequívoca esse princípio. Por isso se terão de constituir a partir de puro impulso de conhecimento todas as relações necessárias para a sua realização funcional, e as diversas formas de comunicação e de interação entre as várias actividades” (SCHLEIERMACHER apud HABERMAS, 1993, p.18). “Apoio-me, sem sentimentalismos, nesta passagem das *Idéias soltas sobre as universidades de um ponto de vista alemão*”, de Schleiermacher, porque acredito verdadeiramente que são as formas comunicativas da argumentação científica que afinal permitem dar coesão e unidade aos processos de aprendizagem universitária nas suas diversas funções” (HABERMAS, 1993, p.18-19).

<sup>3</sup>Tudo isso para dizer que quando falamos de verdade ou do pensamento, temos sempre o problema da relação da instituição com os indivíduos que ela faz crescer; e que, quanto à questão da verdade, da capacidade de alcançar a verdade, a instituição deve ser tal que os sujeitos não sejam criados na verdade, numa verdade substantiva, determinada – o que poderia parecer eminentemente desejável, aquilo que Platão, por exemplo, desejava, mas que resultaria sempre em educar os sujeitos naquela verdade que é a dessa instituição naquele momento, isto é, à maneira de 1984, finalmente -, mas na capacidade de busca da verdade e na capacidade de escolha” (CASTORIADIS, 2007, p.204).

<sup>4</sup>O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. Note-se que ele só pode receber tal educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros. Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos. (...) Não há ninguém que, tendo sido abandonado durante a juventude, seja capaz de reconhecer na sua idade madura em que aspecto que foi descuidado, se na disciplina ou na cultura (pois que assim pode ser chamada a instrução). Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem (KANT, 2002, p.15-16).

ou seja, o processo pelo qual a sociedade atua constantemente sobre o desenvolvimento do ser humano<sup>5</sup>” (PINTO, 2000, p.30). O processo de educação, nesta primeira esfera (re-produtiva da humanidade genérica), atua no intento de construir um Humano e integrá-lo na forma social vigente<sup>6</sup>, além do fato de buscar “conduzi-lo a aceitar e buscar os fins coletivos” (PINTO, 2000, p.30).

Mas, além da mera flexão repetitiva, a capacidade de reflexão nos constitui responsáveis pelos novos caminhos possíveis. Do material de que somos feitos de todo o passado temos, pela reflexão, a possibilidade de redesenhar a pintura que nos define, quando implementamos a caça aos pressupostos que baseiam a nossa dinâmica de vida e quando destampamos o baú do esquecimento em que estamos presos por inércia reflexiva (SCHNEIDER, 1998, p.47).

Neste âmbito, o domínio fundamental das categorias e métodos que fundamentam e alicerçam o saber de uma determinada área de formação (profissional), e das diversas ciências que as constituem, torna-se uma tarefa que precisa ser realizada com rigor e seriedade na universidade. É através deste domínio categorial da tradição filosófica e científica que se estruturam as representações que orientam o agir profissional e cidadão. É através deste aprofundamento temático e conceitual que se possibilitam as capacidades básicas e estruturantes de uma profissão, bem como do exercício da cidadania. O universo da ação racional e consciente só pode emergir a partir de uma profunda cultura científica, filosófica e artística, que ajude a evidenciar os pontos centrais de toda intervenção humana, permitindo aos estudantes analisarem cada realidade e formularem seus problemas principais. As categorias científicas, filosóficas e artísticas, além de serem as bases conceituais que respondem a determinados problemas postos pela prática social, são os elementos que justificam e legitimam o uso e o desenvolvimento de determinadas técnicas e práticas profissionais. Quando as “representações da realidade” não são suficientemente significativas, ou seja, não possuem um suporte argumentativo<sup>7</sup> que permita compreender e explicar em amplitude e profundidade o objeto de estudo em questão, ou mesmo o tema de análise, há um

---

<sup>5</sup>“Aliás, mesmo aqui cumpre ficar atento. Quase não teríamos progredido (como crêem alguns) dizendo: a sociedade faz os indivíduos que fazem a sociedade. A sociedade é obra do imaginário instituinte. Os indivíduos são feitos, ao mesmo tempo que eles se refazem, pela sociedade cada vez instituída: num sentido, eles são a sociedade. Os dois pólos irredutíveis são o imaginário radical instituinte – o campo de criação social- histórico – de um lado, e a psique singular de outro lado. A partir da psique, a sociedade instituída faz a cada vez indivíduos – que, como tais, não podem fazer mais nada a não ser a sociedade que os faz” (CASTORIADIS, 1992, p.123).

<sup>6</sup>“Problema que se apresenta sob a forma de paradoxo, pois o que visamos através da educação é a autonomia do indivíduo – e essa autonomia tem condições estabelecidas historicamente, tanto na história do indivíduo, quanto naquela coletividade onde ele vive -, dizemos que é preciso educar o indivíduo para que ele seja autônomo. Dizemos, portanto, algo tão paradoxal quanto: é preciso dar-lhe o hábito da liberdade, o hábito do não hábito. Ou então: levá-lo a ser quase que automaticamente autônomo. Antinomia intratável para a lógica corrente e para a concepção herdada de liberdade” (CASTORIADIS, 2007, p.178).

<sup>7</sup>“Mesmo fora da universidade, os processos universitários de aprendizagem mantêm algo da sua forma universitária original. Todos eles vivem da força estimulante e produtiva de uma disputa discursiva que traz consigo a “nota promissória” do argumento surpreendente. As portas estão abertas, a cada momento pode surgir um novo rosto e uma idéia inesperada” (HABERMAS, 1993, p.19).

sério risco de a intervenção humana tornar-se espontaneísta e medíocre<sup>8</sup> ficando aquém do já instituído.

Os indivíduos não existem isolados das formas instituídas na vida social e cultural, uma vez que eles são “encarnações” dessas próprias instituições. “Pela transformação das estruturas simbólicas externas em internas, o indivíduo se apropria dos universos de significado que sustentam determinado sistema social e esta apropriação / internalização lhe permite a independência defronte a objetos externos” (MARQUES, 2000, p.40). Sob este pressuposto, o processo de pensar a formação sócio-cultural dos indivíduos na universidade remete, pois, ao problema das próprias instituições sócio-culturais existentes na pólis; uma vez que elas são, não apenas potencializadoras, mas fundamentalmente constitutivas das normas, valores, paradigmas e modelos mentais e de ação que circunscrevem a identidade dos seres sociais<sup>9</sup>. Castoriadis, assim formulou esta dimensão da educação: “A instituição social fabrica o indivíduo social e ao fazê-lo visa impor a ele certos quase-mecanismos de motivação que tornam seus atos não somente previsíveis, em geral, mas também conformes ao propósito de conservação da instituição e a seus outros propósitos” (2007, p.202).

Os homens não nascem do nada. Eles nascem de suas experiências educativas em diferentes instituições humanas (sócio-históricas). Sem educação, os homens seriam selvagens, animais, ou melhor, não seriam homens. Isso significa que, conforme cada tipo de educação, em cada recôndito da vida social e cultural, brotam certo tipo de homens, que de certa forma, dão continuidade a vida social e histórica. A tarefa fundamental dos educadores e das instituições educativas nesta concepção, não consiste apenas num mero fazer de “acompanhamento” do desenvolvimento natural dos educandos, mas fundamentalmente, de “tensionamento”, entre as forças do social, cultural e histórico, na experiência de cada indivíduo<sup>10</sup>.

O objeto da pedagogia não é ensinar matérias específicas, mas desenvolver a capacidade de aprender do sujeito – aprender a aprender, aprender a descobrir, aprender a inventar. Isso, evidentemente, a pedagogia não pode fazer sem ensinar

---

<sup>8</sup>“O saber constitui-se pela capacidade de reflexão no interior de determinada área do conhecimento. A reflexão, no entanto, exige o domínio de uma série de informações. O ato de filosofar, por exemplo, reclama um pensar por conta própria que é atingido mediante o pensamento de outras pessoas. A formação filosófica pressupõe, dialética e não mecanicamente, a informação filosófica. Do mesmo modo alguém se torna grande poeta ou escritor e, como tal, altera com seu gênio sua língua e sua cultura. Antes, porém, de aí chegar será influenciado por essa cultura e se comunicará através da língua que aprendeu submissamente. Afinal, o homem é um ser culturalmente situado. Assim sendo, a posse de informação completa de sua área de especialização é razoável nas áreas afins, assim como certa cultura geral é uma exigência para qualquer estudante universitário, cujos objetivos signifiquem algo mais que um diploma” (SEVERINO, 2002, p.36).

<sup>9</sup>Os indivíduos tornam-se o que são ao absorver e interiorizar as instituições; num sentido, eles são a encarnação principal dessas instituições. Sabemos que essa interiorização é apenas superficial: os modos da mente e da ação, as normas e os valores, e, finalmente, a própria identidade do indivíduo como ser social dependem dela. (...) Agora podemos formular a solução do nosso enigma, que é ao mesmo tempo o objeto primeiro de uma política da autonomia, a saber democrática: ajudar a coletividade a criar instituições cuja interiorização pelos indivíduos não limita, mas amplia a sua capacidade de se tornarem autônomos” (CASTORIADIS, 1992, p.161).

<sup>10</sup>“A incumbência da educação é, então, fazer compreender, através da experiência pessoal dos estudantes e dos incentivos recebidos dos mestres cultivados, os grandes pensadores do passado, porque neles se encontram o saber e a experiência que fizeram e transformaram a cultura e deram a ela um estatuto mais elevado” (SOBRINHO, 2003, p.13).

certas matérias – tampouco a análise pode progredir sem as interpretações do analista. Mas, assim como essas interpretações, as matérias ensinadas devem ser consideradas como degraus ou pontos de apoio servindo não só para tornar possível o ensino de uma quantidade crescente de matérias, mas para desenvolver as capacidades da criança aprender, descobrir e inventar. A pedagogia deve necessariamente também *ensinar* – desse ponto de vista devemos condenar os exageros de vários pedagogos modernos (CASTORIADIS, 1992, p.156).

Para Marques, “as pessoas só serão racionalmente responsáveis pelo seu destino coletivo na medida em que refletirem sobre seus interesses e necessidades e os submeterem a uma crítica pública”. A sociedade emancipada, segundo ele, “depende da institucionalização da democracia pautada por uma integração mais feliz entre a cultura, a sociedade e a personalidade singularizada” (MARQUES, 2000, p.43).

### **3. O Papel dos Educadores no Projeto Social da Universidade: para além da adaptação ao existente**

Os educadores ajudam, pois, a projetar e construir o tipo de Humanidade desejada, necessária e, não apenas a educar em função dos tempos presentes. “Essa responsabilidade não é imposta arbitrariamente aos educadores; ela está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos em um mundo em continua mudança” (ARENDDT, 2002, p.239). A educação, tarefa dos educadores, e da Humanidade em geral, consiste, pois, enquanto Direito adquirido, na realização em cada indivíduo particular, das conquistas sociais e históricas acumuladas. Os educadores atuam, para cumprir tal tarefa, entre a esfera do social, do público, e do individual, particular, elevando o Homem à condição de Homem público e social. Os educadores representam, pois, a esfera de comunicação entre o social instituído e o individual instituinte. A qualificação do educador “consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo” (ARENDDT, 2002, p.239). Os educadores marcam, por assim dizer, enunciando em linguagem metafórica, a ponte entre a experiência social do passado e a experiência individual do presente. Esta ponte, feita por assim dizer, pelos educadores, através dos conteúdos e a vivência de valores e normas, inaugura a possibilidade da Humanidade vir a ser. Os educadores ajudam a construir estas pontes, com os tijolos do passado (os conteúdos) e com a argamassa proveniente da tradição (as metodologias), que lhes constitui. Nela se mesclam uma diversidade de saberes, de práticas, de técnicas, de valores, que em seu conjunto ajudam a definir o Homem.



Mas, o Homem que nasce destas pontes feitas com o passado, não pode permanecer apenas nelas, pois elas, embora bem edificadas em certos momentos, não podem permitir a ele ultrapassar todos os obstáculos e desafios que o presente e os outros momentos históricos o colocam. O Homem, assim precisa ser potencializado para aprender a fazer novas pontes, precisa aprender a usar dos tijolos da tradição e da argamassa deixada por ela para criar novos caminhos. Este o momento em que a re-flexividade, e não apenas a reprodução e a conservação do passado torna-se crucial, pois somente ela possibilita ao Homem compreender, entender, e valer-se do passado, de seus tijolos, de sua argamassa, para fazer pontes novas<sup>11</sup>.

Nesta concepção, a educação desempenha um segundo papel, não apenas reproduzindo o passado, mas problematizando-o à luz do presente, com vistas a novas necessidades e novas possibilidades, ainda não instauradas<sup>12</sup>. A educação é, por assim dizer, não apenas conservadora agora, mas fundamentalmente reconstrutora (instituinte) porque, ao conservar o passado, ao ensinar a conservá-lo, possibilita o material que permite ao Homem, pensar, conhecer, avaliar, julgar o seu presente, edificando as pontes que deseja e de que necessita para fazer o seu futuro<sup>13</sup>. A re-flexividade pressupõe a memória, a incorporação da tradição, da reelaboração do passado, não o seu banimento ou esquecimento<sup>14</sup>. A educação, assim concebida, “tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-educação crítica” (ADORNO, 2003, p.121). Na universidade, este tipo de educação possibilita a auto-reflexão acerca do mundo instituído, permitindo aos sujeitos escolherem e definirem com mais propriedade os projetos da vida social e histórica que desejam<sup>15</sup>. Projeto que se vincula com a nota enunciada por Adorno quando formula seu conceito de educação:

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não

---

<sup>11</sup>“Mas falamos aqui do pensamento, isto é, da capacidade de pensar (logo, da reflexividade e da capacidade de atividade deliberada). Devemos, portanto, postular a esta altura do raciocínio um tipo especial de instituição social que leve os indivíduos não a um simples condicionamento conforme à instituição, mas, por exemplo, a investir psiquicamente a verdade como tal, independentemente dos requisitos da ordem social. E que, ao mesmo tempo, os leve ou os induza a desenvolver uma capacidade de escolha quanto aos conteúdos” (CASTORIADIS, 2007, p.202).

<sup>12</sup>“Não temos a necessidade de alguns “sábios”. Temos necessidade de que o maior número adquira e exerça a sabedoria – o que por sua vez exige uma transformação radical da sociedade como sociedade política, instaurando não somente a participação formal, mas também a paixão de todos pelas questões comuns. Ora, seres humanos sábios é a última coisa que a cultura atual produz. – “Então, o que você quer? Mudar a humanidade?” – Não, alguma coisa mais modesta: que a humanidade se transforme, como ela mesma já fez duas ou três vezes” (CASTORIADIS, 1992, p. 107).

<sup>13</sup>“Vou tentar alcançar a liberdade, diz para si a jovem alma. [...] Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida, exceto tu. Certamente, existem as veredas e as pontes e os semideuses inumeráveis que se oferecerão para te levar para o outro lado do rio, mas somente na medida em que te vendesses inteiramente: tu te colocarias como penhor e te perderias. Há no mundo um único caminho sobre o qual ninguém, exceto tu, poderia trilhar. Para onde leva ele? Não perguntes nada, deves seguir este caminho” (NIETZSCHE, 2003, p.141).

<sup>14</sup>“Quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva do desenvolvimento” (ADORNO, 2003, p.33).

<sup>15</sup> Os educadores são, nestes termos, àqueles que ajudam os seus educandos a construir pontes, mas cabe a eles, decidir se querem atravessá-las.

temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma *consciência verdadeira*. Isto seria inclusive da maior importância; sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO, 2003, p.143).

Os educadores não podem cruzar as pontes que ajudaram a construir, pois sua tarefa, assim que ajudaram a construir as pontes. É este um dos vínculos possíveis da educação com um projeto emancipatório. Os educadores comportam-se, outrossim, como geradores de pessoas, de sujeitos sociais autônomos, que aprendem a reconhecer a historicidade do mundo e das instituições em que vivem; que aprendem a incorporar as ciências e técnicas de seus ofícios, refazendo-as, dado sua historicidade, à medida que o mundo muda. Esta tomada de consciência da historicidade do mundo humano é outro vínculo possível com o esforço emancipatório. Teus verdadeiros educadores, enunciou Nietzsche (2003, p.142), “aqueles que te formarão, te revelam o que são verdadeiramente o sentido original e a substância fundamental da tua essência, algo que resiste a qualquer educação e a qualquer formação (...): teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores”. Sob este pressuposto, os educadores não apenas ajudam a aprender os conhecimentos e técnicas, mas ajudam a reconstruir a ciência, o conhecimento e o imaginário, que permite construir técnicas colocando-as a serviço do humano<sup>16</sup>. A re-flexividade, condição para a reconstrução do mundo, pressupõe a ruptura com o fetichismo da técnica, do enclausuramento do projeto humano nos trâmites da dominação presente<sup>17</sup>.

### **Considerações Finais**

Sob o pressuposto de uma educação crítico e reflexiva, os educadores não apenas ajudam a edificar e reproduzir o mundo produtivo, produzindo trabalhadores, mas também, ajudam a reconstruir este mundo produtivo colocando-o sob o pressuposto da ética e da política. Nesta árdua tarefa, os educadores, ao ajudar a fazer as pontes, para a vida social do Homem, podem e tem o poder, pela força da re-flexividade, do pensamento, de contribuir na

---

<sup>16</sup>“Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas” (ADORNO, 2003, p.133).

<sup>17</sup> Adorno assim enunciou esta tarefa da educação: “A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de well adjusted people, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambigüidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela” (ADORNO, 2003, p.144).

re-construção e transformação do mundo social e histórico existente. Os educadores são, por assim dizer, essencialmente, potencializadores da liberdade, visionários, utópicos, esperançosos, que o próprio mundo social instituiu, como forma de melhorar a “natureza da humanidade”, como forma de “transformar a sociedade”, conservando seu “patrimônio cultural” com vistas à perfectibilidade da vida social e humana. Este um ideal utópico posto como fundamento da universidade em seu projeto civilizatório / social / educacional.

A sociedade instaurou, assim, uma instância de reflexão sobre si. / Socrática que é, a universidade desmascara o discurso da manipulação, do adestramento e do absoluto de mestres, sábios e gurus, fazendo com que a verdade seja gestada na concretude de sua lucidez a explodir em inúmeras vozes em argumentação. Universal que é por definição, a universidade representa o contraponto ao discurso da fragmentação do saber e da competência especializada em minúcias; discurso que, por desistente e incapaz de visualizar o todo, socorre-se da crença no destino, no azar ou nos demônios, quando no conjunto da sociedade não há vislumbre de projeto comum de justiça, paz e liberdade (SCHNEIDER, 1995, p.11).

Este entendimento só é possível se rompermos com o conceito metafísico de verdade, ou, como quer Gadamer (1999), libertarmos-nos das inibições ontológicas do conceito científico de verdade, reconhecendo a historicidade da compreensão. Dado esta ruptura, toda normatividade no plano educacional passa a pautar-se por verdades argumentativamente sustentadas, logo, daquilo que é tomado como verdade por uma determinada constelação de sujeitos em um referido contexto. Normatividade que não possui nenhum referente fora da história, e a tarefa da reflexão epistemológica e ético-política é precisamente revelar o caráter das verdades que sustentam toda normatividade, em especial, a educacional.

Portanto, não cabe mais ao professor, assim como ao cientista, colocar-se no lugar de oráculo anunciador de verdades acabadas. Esta desmistificação da ciência potencializa o papel do professor (que deixa de ser um simples repetidor), e também potencializa o aluno, transformando a aula em um tempo-espaço de produção de saberes, no qual se validam, ou não, os significados embutidos nos conteúdos.

Por fim é possível imaginar que cada campo disciplinar de formação superior venha a se constituir em “Janela para o mundo”, não esquecendo que é apenas uma “Janela”, do contrário, estaremos formando - com certeza - especialistas, mas, neste caso, “especialistas idiotas”, esquecidos do sentido de universidade como unidade do diverso. Unidade que só é possível quando reconhecermos o caráter parcial de todo saber humano, o que nos conduz a processos intersubjetivos, os únicos que acreditamos possam nos libertar das alternativas dogmáticas ou do destino cego.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.
- ARENDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- CASTORIADIS, C. **As Encruzilhadas do Labirinto III: o mundo fragmentado**. Trad. Rosa maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_, C. **Sujeito e Verdade no Mundo Social e Histórico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- GADAMER, H. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. São Paulo: Editora Unimep, 2002.
- HABERMAS, J. A Idéia da Universidade: processos de aprendizagem. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.74, p.1 1 1-130, jan./abr. 1993.
- MARQUES, M. O. **Educação / Interlocução, Aprendizagem /Reconstrução de Saberes**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1996.
- MORIN, E. Sobre a reforma universitária. In: ALMEIDA, M. C. de; CARVALHO, E. A. de (orgs). **Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.
- PINTO, A. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. 11. ed. São Paulo, Cortez, 2000.
- NIETZSCHE, F. **Escritos sobre educação**. Tradução e notas de Nolei Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- SCHNEIDER, P. R. **Introdução à Filosofia**. Ijuí: ed. Unijuí, 1995.
- \_\_\_\_\_, P. R. Reflexões sobre Ética na Educação. **Espaços da Escola**. Ijuí-RS: Editora Unijuí, Ano 4, Nº 27, Jan/Mar. 98, p.43-51.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2002.